EDARQ REVISTA DE CULTURA ARQUITECTÓNICA ABRIL, 2013

JOELHO

04

ENSINAR PELO PROJETO
TEACHING THROUGH DESIGN

—

Coordenação:
Paulo Providência
Gonçalo Canto Moniz

Alexandre Alves Costa
Juan Domingo Santos
Florian Beigel
Philip Christou
Elizabeth Hatz
David Leatherbarrow
Andrew Clancy
Colm Moore
Michael McGarry
Willemijn Wilms Floet

Exposição TAPE
2011–12

N. Miguel Seabra

A reflexividade da 'realidade': itinerários para uma aprendizagem pelo projeto.

1. Enquadramento prévio

A arquitetura não se ensina, aprende-se projetando. Não se ensinam linguagens codificadas mas aprendem-se nas escolas os instrumentos para o exercício projetual (...)

(Costa, 2007, p.270)

No âmbito do Colóquio Internacional Ensinar pelo Projeto, na particularidade do tema da Didática, esta comunicação pretende discernir, como hipótese de trabalho, sobre o impacto, e suas consequências, de um modo de pensar, de fazer e, subsequentemente, de ensinar pelo projeto em arquitetura na contemporaneidade portuguesa. Trata-se de um modo, ou pensamento projetual, alicerçado numa relação íntima com a 'realidade', estabelecido através de um diálogo reflexivo com as suas especificidades.

Com o intuito de avaliar a permanência, e a subsequente transmissibilidade, da vitalidade instrumental da 'realidade' para um pensamento projetual na contemporaneidade portuguesa, há que reconhecer, num primeiro momento, de que modo essa práxis se manifesta. Confrontando-a, intentar-se-á, por um lado, sinteticamente circunscrever a competência operativa da 'realidade' no tempo do processo de projeto, e, por outro lado, deslindar o domínio instrumental subjacente ao processo projetual potenciado por essa práxis de arquitetura. Num segundo momento interessará, num confronto com uma didática, colocar à discussão sobre o alcance deste pensamento projetual na atualidade portuguesa do ensino do projeto em arquitetura.

Neste enquadramento, torna-se necessário evidenciar os pressupostos que suportam a temática desta comunicação. Partindo de uma noção lata, e procurando estabelecer uma aproximação possível ao âmbito pensamento projetual em arquitetura, entenda-se, em síntese, 'realidade' como 'contexto', ou seja a "(...) totalidade das circunstâncias e dos fatores históricos, sociais, culturais, etc., que possibilitam, condicionam ou determinam a produção e a receção de um texto (...)" (Costa e Melo, 1998, p.416). Nesse sentido, extrapolando esta noção, poder-se-á afirmar, desde já, que o contexto permite convocar os dispositivos culturais e físicos constituintes da 'realidade' *(fig.1)*, que poderão ser manipulados na prática profissional pelo pensamento projetual do arquiteto. O contexto, como 'realidade', precede o pensamento projetual e, consequentemente, o pensamento projetual, ao coligir a 'realidade', transforma-se, igualmente, num contexto constitutivo da 'realidade'. Numa aproximação à disciplina da arquitetura, considere-se também que o contexto comporta as dimensões, os dispositivos culturais e físicos[1], de 'sítio', de 'lugar' e de 'região'.

É desta relação de causa e efeito que se funda uma ação e, consequentemente, uma prática reflexiva (Schön, 1987), consequente duma mediação de reflexão na, durante e após essa ação (Schön, 1987). Ou seja, uma ação de devolução e de autoconfrontação, sempre crítica e progressiva, plasmada num processo de (re)apropriação sincrético de um contexto, revelada por uma peculiar sensibilidade refletida no agente que a pratica (Giddens, 1990).

Interessa, igualmente, reter o conceito de 'processo' inerente a um pensamento projetual em arquitetura. O processo, enquanto síntese de um conjunto de procedimentos para se obter uma resposta a um problema, revela, em profundidade, um pensamento, e vice-versa. No âmbito da relação entre a 'realidade' e o projeto, o processo projetual "(...) implica o manuseamento da realidade em toda a sua complexidade (...)" (Fernandes, 1995, p.21) e, nesse sentido, "[o] processo enriqueceu-se, porque se tornou mais denso, complexo e rico como, afinal, é sempre a realidade." (op. cit.). Enquanto antecipação, o projeto torna-se narrativa do seu processo e, numa crítica constante aos seus mecanismos, incorpora e prolonga uma 'realidade', estabelecido numa relação reflexiva, num diálogo continuo entre uma reflexão e uma prática.

II. Da reflexividade de uma 'realidade'

Partiu da ideia apontada na primeira visita, porque considera que não se projeta somando bocados de informação, e que esta serve, se aplicada a uma ideia, para a corrigir e a definir. E que a ideia está no "sítio", mais do que na cabeça de cada um, para quem souber ver, e por isso pode e deve surgir aao primeiro olhar; outros olhares se irão sobrepondo, e o que nasce simples e linear se vai tornando complexo e próximo do real — verdadeiramente simples.

(Siza in Muro, 1995, p.17)

No decorrer do século XX, sobretudo a partir da década de 60, o reconhecimento da especificidade do fazer dos arquitetos portugueses evidenciou-se na crítica nacional e internacional especializada. Trata-se de uma especificidade que se crê poética, atribuída, em grande parte, a uma sensibilidade peculiar proporcionada por uma metodologia de projeto, apoiada numa leitura crítica da 'realidade' onde se insere. As expressões 'determinado pelo sítio', 'esclarecido pelo lugar', ou 'projetar com a envolvente', entre outras, refletem o reconhecimento de uma determinada produção de arquitetura.

Esta redescoberta dos temas do sítio, do lugar e da região comporta um olhar renovado sobre a importância conceptual da 'realidade' para o pensamento projetual. Constata-se, pois, que, "[n]esta perspetiva, em essência, a cultura arquitetónica portuguesa da década de sessenta defende e confirma a noção de 'projectualidade' arquitetónica e a recuperação do contacto com o real como condição de projeto: renunciar à solução universal para recuperar a vivência pessoal-territorial" (Portas e Mendes, 1991, p.14). Contudo, ressalve-se o facto de essa dita produção arquitetónica ser uma de entre várias, inscrita numa rede complexa que, à época, era uma atitude emergente.

O reconhecimento do contacto com o 'real', como condição de projeto, estabelece-se, teoricamente, sobretudo no advento da década de 80 do século passado, com a identificação internacional da singularidade da referida prática arquitetónica em Portugal. Em "Modern Architecture, a critical history", na revisão da 2ª edição, em 1985, Kenneth Frampton firma-a como uma 'atitude de resistência'. Frampton confirma este procedimento reflexivo na práxis (entre outras) de Álvaro Siza Vieira, patente na hipersensibilidade da relação que estabelece com as premissas de uma 'realidade', de um contexto (Frampton, 1985). Entre muitos outros estudos sobre esta condição, constata-se, em síntese, que:

O percurso de Álvaro Siza, sendo dominante no panorama da arquitetura portuguesa, não é solitário nem por si exclusivamente aberto. A sua obra e o seu método veiculam o que de mais perene e invariável tem a nossa tradição arquitetónica. (...) A sua capacidade espontânea para qualificar os elementos do sítio, o seu processo empírico informado simultaneamente pela memória e assimilação/ domesticação dos modelos e pela presença permanente do próprio passado, o seu experimentalismo sem rutura e em serena continuidade, uma rigorosa vontade de clareza tipológica e tendência para uma leitura volumétrica simples e depurada, integram-no nas linhas dominantes da nossa arquitetura, sendo ainda a sua conseguida vontade de síntese volumétrica, uma das suas, não muito frequentes entre nós, expressões de coerência formal.

(Costa, 2007, p.234)

Trata-se, então, de um pensamento projetual constituído na relação direta com a 'realidade' — cultural e física —, enquanto urdidura, no estabelecimento do processo de projeto: "[c]onhecimento, construído na experiência crítica do real que é a justificação e a materialização da sensibilidade adquirida que faz o desenho: conhecimento, entendido como "inteligência prática do sentido oficinal do método — ideia de projeto que, na distância dos factos, orienta e provoca o espaço (d)e invenção" (Mendes, 1986, p.57).

Evidenciam-se, assim, procedimentos de uma práxis emergente em Portugal que, influenciada em grande parte pelo reconhecimento da especificidade da prática projetual de Álvaro Siza Vieira, deixará marcas indeléveis[2].

Neste sentido, considerando que a "(...) arquitetura parte do real para o transformar (...) [a] arquitetura não se inventa, avança sobre o real por pequenos passos, por pequenos distúrbios da realidade." (Costa, 2007, pp.269-270), poder-se-á, então, circunscrever, conforme anteriormente referido, uma ação de devolução e de autoconfrontação, sempre crítica e progressiva, plasmada num processo de (re)apropriação sincrético de uma 'realidade'. Ou, por outras palavras, o evidenciar de um itinerário, um caminho possível que, pelo caminhar, nos devolve criticamente material capaz de erigir reflexivamente um conjunto complexo de procedimentos para o estabelecimento de um pensamento projetual. Este processo de reflexão e ação (Schön, 1987), e vice-versa, instituí igualmente um conhecimento tácito evidenciando, conjuntamente, uma aprendizagem indireta pela autoreflexividade da interpretação da obra construída.

O anterior reconhecimento, revela, então, um conjunto de procedimentos intrínsecos a um processo de diálogo contínuo com uma 'realidade' no tempo do projeto, passível de estabelecer, ainda hoje, uma práxis reconhecível. Portanto, numa aproximação ao ensino da arquitetura, interessa suster o lastro desta herança recente em Portugal e, consequente, avaliando a sua transmissibilidade, deslindar e debater itinerários que têm sido trilhados na fixação de uma didática possível inerente desta reflexividade da 'realidade'.

III. Uma didática reflexiva

(...)projetar, planear, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquiteto na criação de formas vazias de sentido, impostas por caprichos da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem (...)

(Távora, 1996, p.74)

Na sequência do anterior ponto, aceitando a relevância da instrumentalidade da reflexividade da 'realidade' como informadora, formadora e configuradora de um pensamento projetual na contemporaneidade portuguesa, interessa agora firmá-la pelo confronto direto com a especificidade de uma didática[3]: uma didática projetual reflexiva que se estabelece pelo convocar dos dispositivos culturais e físicos constituintes da 'realidade', que serão manipulados pelos alunos no 1º Ciclo de Formação, em particular nos dois primeiros anos da licenciatura, no tempo do processo de projeto. "Assim, no primeiro ano, na disciplina de Arquitetura Um, principia-se a ensinar dando a ver a Arquitetura como *arte do real*, dependente de um contexto cultural e social, feita de coisas tangíveis e profundamente humanas; (...) [para] oferecer [ao aluno] o intemporal fascínio tangível da *arte do real* que deve ser a arquitetura." (Zúquete, 2010, pp.34-35).

A tríade 'leitura, interpretação, síntese' sintetiza os procedimentos elementares da reflexão e da ação projetual no primeiro ano de formação, estabelecidos em quatro exercícios práticos, num confronto direto com uma 'realidade' *(fig.2)*. Deste modo, enquanto catalisador, a 'realidade', pelo processo próprio de uma prática reflexiva, estabelece-se como a matéria primeira de suporte à constituição de uma ideia de projeto.

Este processo reflexivo, sempre contínuo, afinado e estabilizado ao longo dos referidos exercícios práticos, e no decorrer do segundo ano de formação, assume a 'realidade' (em concordância com o programa e respetivos objetivos) "(...)como elemento fundador do ato de projeto. Esta utilização pressupõe [, então,] a leitura e interpretação do sítio ['realidade'], implementada pelos autores enquanto entidades individuais; resultado de um "ato poético" (...) como motivo de arranque conceptual, dependente diretamente do autor e absorvido como parte genética do projeto.". Propõe-se, deste modo, "[e]ntender a resposta arquitetónica não como um edifício ou um objeto isolado, mas antes como a materialização entre o espaço arquitetónico configurado e o seu contexto (...)"[4].Recuperando o anteriormente referido, os exercícios práticos procuram ações de devolução e de autoconfrontação progressivas, circunscrevendo hipóteses tendentes à resolução de problemas concretos pela reflexividade de uma 'realidade'.

Em tom de conclusão provisória, considere-se a observação, já distante, de Pedro Ramalho:

Este esforço de globalização do ensino entendido como um todo dirigido à capacidade de intervenção futura, representa um avanço na formação dos alunos. (...) A verdade é que ainda não foi possível montar estruturas capazes de resolver o problema da experimentação da prática arquitetónica (...) O período de formação tem necessariamente de ser continuado e desenvolvido através dos contactos com a realidade concreta o mesmo é dizer, com os utentes, com os processos técnicos da realização, com os suportes físicos onde se vai atuar.

(1989, p.26)

Num tempo em que, aparentemente, a "realidade parece ter escapado à arquitetura, e a arquitetura desertado a realidade (...)" (Freitag, 2004, p.12), será possível firmar a vitalidade da instrumentalidade da reflexividade da 'realidade' para um pensamento projetual em arquitetura e, assim, estabilizar um itinerário possível para um ensinar pelo projeto?

1 → Na possibilidade de ambos serem instrumentos conceptuais, o contexto cultural e o contexto físico serão assumidos como suportes primeiros para a constituição do processo de projeto. A dimensão cultural do contexto compreenderá, entre outros, os temas da tradição e da modernidade e a dimensão física comportará as geometrias concretas consideradas de um modo lato, ou seja, o conjunto de condições imposto pelo meio físico natural ou artificial – topografia, limites, luz, clima e forma tectónica. Reitere-se, então, que o contexto, como 'realidade', precede o pensamento projetual e, consequentemente, o pensamento projetual, ao coligir a 'realidade', transforma-se, igualmente, num contexto constitutivo da 'realidade'.

2 → Sobre permanência, e a subsequente transmissibilidade, de um pensamento alicerçado numa relação íntima com a 'realidade'– 'cultural' e 'física' – na atualidade da produção arquitetónica portuguesa considere-se, igualmente, a investigação de Doutoramento em curso dedicada ao tema do Contexto e do Projeto no pensamento e prática projetual arquitetónica portuguesa contemporânea.

3 → Referente, em particular, à experiência docente na Unidade Curricular de Arquitetura 1 (desde 1998) na Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada.

4 → Cf. Programas das Unidades Curriculares de Arquitetura 1 e de Arquitetura 2, ano letivo de 2012/2013, da Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

1. Diagrama síntese: a 'realidade' como Contexto (N. Miguel Seabra, 2012).

2. Diagrama síntese: procedimentos elementares da reflexão e da ação projetual no primeiro ano da Unidade Curricular de Arquitetura 1 (N. Miguel Seabra, 2012).

Referências Bibliográficas

Costa, A. (2007), *Textos Datados*. Coimbra: E/D/Arq., Editorial do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra.

—

Costa, J., Melo, A. (1998), *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora [1952].

—

Fernandes, M. (1995), *A Estrutura de Suporte. Construir a Arquitectura: Um Programa Para a Disciplina de Projecto*. Porto: FAUP Publicações.

—

Frampton, K. (1992), *Modern History, a critical history*. Londres: Thames and Hudson Ldt. [1980].

—

Freitag, M. (2004), *Arquitectura e Sociedade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote [1992].

—

Giddens, A. (1990), *The Consequences of Modernity*. Stanford: Stanford University Press.

Giddens, A., Beck, U., Lash, S. (1995), *Modernização reflexiva*. São Paulo: UNESP.

—

Hipólito, F. (2012), *Programa da Unidade Curricular de Arquitetura 2, ano letivo 2012/2013*, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. Consultado em 20 de Setembro de 2012 em: http://sv.lis.ulusiada.pt/DocsPDF/p_01310_2012.pdf

—

Mendes, M., Portas, N. (1991), *Arquitectura Portuguesa contemporânea, Anos sessenta/Anos oitenta*. Porto: Fundação de Serralves.

—

Schön, D. (1987), *Educating the Reflective Practitioner*. São Francisco: Jossey-Bass.

—

Schön, D., *Formar professores como profissionais reflexivos*. In Nóvoa, A. (1997), *Os professores e a sua formação* (pp. 79-91). Lisboa: Publicações Dom Quixote [1992].

Muro, C. (1995), *Álvaro Siza. Escrits*. Aula d`Arquitectura 07. Barcelona: Edicions UPC.
Ramalho, P. (1989), *Itinerário*. Porto: Serviço Editorial da FAUP [1980].

—

Távora, F. (1996), *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações [1962].

—

Zúquete, R. (2010), *Caixa de Escritos*, Lisboa: edição de autor.

—

Zúquete, R. (2012), *Programa da Unidade Curricular Arquitetura 1, ano letivo 2012/2013*, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. Consultado em 20 de Setembro de 2012 em: http://sv.lis.ulusiada.pt/DocsPDF/p_01301_2012.pdf